



FUNDAMENTO ANTROPOLÓGICO PARA UMA PEDAGOGIA INTEGRAL

*Profa. Dra. Marly Carvalho Soares**
*Moisés Rocha Farias**

Resumo: Para uma atualização do processo educativo que quer acompanhar a espiral histórico-social faz-se necessário estabelecer novos paradigmas. A valorização da antropologia filosófica na pedagogia é sem dúvida uma necessidade estrutural, numa tentativa de responder aos novos desafios colocados pela sociedade que traz de sua vivência variados conflitos até então não trabalhados pela educação “tradicional”. O resgate da essência humana com seus desdobramentos deve levar ao cerne da educação que é gerar uma sociedade onde os partícipes tenham condições de assegurar dignidade aos seus pares. O artigo apresenta o resultado de uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica, sobre o tema em pauta e fundamenta-se com maior ênfase nas teorias da filósofa Edith Stein (1893 – 1942), mais precisamente na obra “La estructura de la persona humana”.

Palavras-chave: Antropologia. Pedagogia. Educação. Edith Stein.

Abstract: It's necessary to set up new paradigms for bringing up to date the educative process that accompanies the historic-social spiral. The valuation of philosophic anthropology in pedagogy is undoubted a structural need, in an effort of answering the new challenges put by society that brings of its living various conflicts till then not worked by “traditional” education. The rescue of human essence with its unfolding must bring to the kernel of education, that is to beget a society where the participating have conditions of assuring excellence to its partners. This article presents the result of a qualitative research, as a bibliographic research, about the searched theme and it found itself with more emphasis on the theories of the philosopher woman Edith Stein (1893 – 1942), quite exactly in the opus “La estructura de la persona humana”.

Keywords: Anthropology. Pedagogy. Education. Edith Stein.

Edith Stein foi uma filósofa de fundamental importância para a construção de novas formas do pensar antropológico, bem como da pedagogia na contemporaneidade. Sua preocupação na formação integral do ser humano com base em princípios antropológicos de cunho

filosóficos condizentes a dignidade de Ser humano a levou a uma vasta produção não só pedagógica. E por sua teoria ser alicerçada em sua vivência como docente, ela teve a oportunidade de exercer seus conceitos teóricos, aspecto de relevância tratando-se de Pedagogia.

Como bem sabemos, a escola é a instituição que promove a socialização do ser humano com o saber científico, sua relação com as regras impessoais e com outras relações interpessoais. Sua finalidade perpassa a censura da espontaneidade e constitui a relação comunitária entre professores, alunos e servidores institucionais. Toda instituição escolar traz em sua estrutura uma determinada teoria pedagógica capaz de dar um direcionamento das atividades ali executadas.

As práticas e saberes escolares estão indissociavelmente ligados a uma forma de pensar a pedagogia, pois bem, os efeitos duráveis de socialização tornam-se possíveis pela sistematização do ensino na escola. Decorrente à teoria pedagógica as escolas tornam-se instituições nas quais as relações sociais e os saberes são objetivados e codificados, é um lugar de aprendizagem. Quando a instituição opta por uma determinada teoria pedagógica ela estabelece um laboratório social para o tipo de sociedade que se espera – nas escolas são trabalhados valoramentos que formarão o caráter do indivíduo não só alunos, mas professores, gestores, funcionários – todo o corpo institucional receberá influência. Daí a importância da escolha de uma teoria pedagógica que seja embasada numa antropologia filosófica capaz de levar o ser humano a sua plena realização.

A sociedade hodierna é profundamente permeada pelos conhecimentos e habilidades elaborados através dos processos formais de escolarização. A escola, enquanto instituição moderna é corresponsável pela formação de sujeitos, atuando juntamente com outras instituições como a família e a religião, por exemplo. Neste sentido, a instituição escolar está inserida nas transformações sócio-históricas, especialmente na atualidade a sociedade traz consigo um modelo de escola como espaço distinto de outras práticas sociais, desvinculando à existência de um saber a transmitir, limitando-se num conhecimento restritivamente racionalizado; em outras palavras num ensino utilitarista visando na maioria dos casos ao acesso do aluno ao ensino superior.

Assumindo a perspectiva do método fenomenológico¹ de nossa filósofa, Edith Stein, faz-se necessário tornar conhecida aquela que hoje é considerada uma das maiores filósofas do século XX, haja vista as transformações por que está passando a sociedade contemporânea, se comparado com a sociedade moderna e como a escola insere-se nestas relações entre conceito de homem e sua teoria pedagógica. Edith Stein com seus escritos muito tem a contribuir nesse processo construtivo de novo paradigma antropológico-pedagógico. O artigo quer explicitar a articulação entre antropologia e teoria pedagógica, ou, mais precisamente, que tipo de Homem, de ser humano, a pedagogia steiniana pretende construir com a educação, ao seu modo efetivado. O que norteia

¹ FENOMENOLOGIA, única noção hoje viva de fenomenologia é a anunciada por Husserl em *Investigações lógicas...* e depois desenvolvida por ele mesmo nas obras seguintes. O próprio Husserl preocupou-se em eliminar a confusão entre psicologia e fenomenologia. Esclareceu que psicologia é a ciência de dados de fato; os fenômenos que ela considera são acontecimentos reais que, juntamente com os sujeitos as que pertencem, inserem-se no mundo espaço-temporal. A F. (que ele chama de “pura” ou “transcendental”) é a ciência de essências (portanto, “eidética”) e não de dados de fato, possibilitada apenas pela *redução eidética*, cuja tarefa é expurgar os fenômenos psicológicos de suas características reais ou empíricas e levá-los para o plano da generalidade essencial. A redução *eidética*, vale dizer, a transformação dos fenômenos em essências, também é redução fenomenológica em sentido estrito, porque transforma esses fenômenos em irrealidades... Com esse significado, a F. constitui uma corrente filosófica particular, que pratica a filosofia como investigação fenomenológica, ou seja, valendo-se da redução fenomenológica e da *epoché*. Os resultados fundamentais a que esta investigação levou Husserl podem ser resumidos da maneira seguintes: 1º O reconhecimento do caráter intencional da consciência, em virtude do qual a consciência é um movimento de transcendência em direção ao objeto e o objeto se dá ou se apresenta à consciência, “em carne e osso” ou “pessoalmente”; 2º evidência da visão (intuição) do objeto devida à presença efetiva do objeto; 3º generalização da noção de objeto, que compreende não somente as coisas materiais, mas também as formas de categorias, as essências e os “objetos ideais” em geral; 4º Caráter privilegiado da “percepção imanente”, ou seja, da consciência que o eu tem das suas próprias experiências, porquanto nessa percepção aparecer e ser coincidem perfeitamente, ao passo que não coincidem na intuição do objeto externo, que nunca se identifica com suas aparições à consciência, mas permanece além delas. (ABBAGNANO, Nicola, Dicionário de filosofia, Pág. 438).

MÉTODO FENOMENOLÓGICO, por se trata de um método, se faz necessário expor como E. Stein procede com o mesmo. Ela foi a que realizou a sua formação fenomenologia mais diretamente com seu criador sendo sua assistente logo depois de laurear-se. O fato de não concordar com a idealidade do conteúdo cognitivo proposto por Husserl bem como um distanciamento das perguntas metafísicas acerca da origem do eu cognitivo. Ela “afirma ter identificado a essência da essência, que consiste não só no ser essencial, mas também no ser atual-real, nos seus objetos” (BELLO, Ângela Ales, A fenomenologia do ser humano. Pág. 89). Seu objeto de estudo compreendendo questões da existência dentre outros não mais possibilitara restringir-se a fenomenologia. Todavia, nas suas investigações que caracterizam sua originalidade ela permanece fiel ao princípio fenomenológico que antes de ser um repúdio é ao ser ver a possibilidade de uma ampliação do método.

este trabalho é a apresentação do conceito de homem estabelecida pela teoria pedagógica steiniana. O que é o Homem? Qual sua finalidade? Com a análise da pedagogia por ela elaborada daremos cabo a estas questões.

Embasado numa antropologia tradicional, contudo hermenêutica, com o Homem formado por corpo, alma (psique) e espírito, Stein consegue desenvolver uma pedagogia voltada para o Ser, o vivente. No método fenomenológico a individuação tem sua relevância, os indivíduos por sua unicidade devem ser tratados com a dignidade que lhe é devida, pois o indivíduo tem uma missão específica na sua humanização bem como ao desempenhar funções voltadas ao comunitário-social, utilizando-se para tal fim dos meios pedagógicos uma vez aprendidos e vivenciados levará o educador a fazer com que o educando consiga não somente apreender assuntos disciplinares bem como capacitá-lo-á a construir uma sociedade mais empática.

Dando prosseguimento, analisaremos a estrutura da pessoa humana, partindo do pressuposto de que a mesma constitui-se em espaço de produção do sujeito, ou seja, é o próprio ser humano que realiza a tarefa do conhecimento tanto do autoconhecimento como dos conhecimentos exteriores a si e é, portanto, uma premissa, o conhecimento de sua estrutura que facilitará um melhor desenvolvimento do seu ser. Por fim, apresentaremos a ligação intrínseca entre o conceito de homem e a pedagogia a partir da noção steiniana. Assim sendo, a sociedade munida de uma determinada teoria estabelece resultados de uma confluência de práticas discursivas que configuram uma ideia de formação, fazendo surgir um tipo específico de cidadão, um cidadão humanizado, pleno em sua essência.

Uma visão da pedagogia steiniana

A estrutura da escola, a fragmentação curricular em disciplinas e a tarefa de ensinar, distribuída aos professores especialistas em determinado conteúdo, os sistemas de avaliação ao final de etapas, são um modelo de escola concebido para produzir alunos educados, cabendo a cada professor desempenhar estratégias para atingir este objetivo. A realidade do ensino na contemporaneidade é a da especialização do saber. Há uma compartimentalização do conhecimento, consequência, em parte, do processo de formação do educador. Nisto podemos observar que as teorias pedagógicas, como também a vigente, trazem em si uma ideia de homem, de ser humano.

Todo labor educativo que trate de formar homens vem acompanhado de uma determinada concepção do homem, de qual sua posição no mundo e sua missão na vida, e de que possibilidades práticas se oferecem para tratá-lo adequadamente².

A existência de inúmeros discursos e práticas pedagógicas e analisá-los é possível levando em consideração as transformações nas relações interpessoais uma vez que a escola é influenciada pelo contexto social, econômico, político e cultural. Portanto partiremos da análise de sua pedagogia nas relações entre ensino, aluno e professor para chegarmos ao seu conceito de homem. Na obra "*La estructura de la persona humana*", Edith Stein descreve de forma magistral sua ideia e conceitos acerca do nosso tema proposto. A obra supracitada é fruto de um curso ofertado no semestre de inverso de 1932 a 1933 na Alemanha. Estudando as transformações das práticas pedagógicas, Stein vê a necessidade de assegurar as condições básicas para que haja uma abertura no conhecimento real da antropologia dando assim ao ser humano a possibilidade de autoconhecimento de humanizar-se.

Diferente da herança cartesiana de uma fragmentação do ser humano, ela acredita que o processo educativo se dá de forma integral: não é só a mente que se educa tanto o corpo como o espírito fazem parte do processo educacional. Apoiada na liberdade que é intrínseco ao homem, renega todo e qualquer determinismo que rondava com o recente surgimento da psicanálise; o homem antes de tudo é um ser livre.

Como o exercício de educar sempre se dá entre pessoas, estas são capazes de resistir no interior do próprio ser ao ato e ou efeito educativo, potencializando uma possível revolta. Faz-se mister a possibilidade de práticas educativas que façam surgir a oportunidade de constituição de sujeitos bem formados em suas realidades complexas e que reconheçam o outro em suas diferenças, passando de um fechamento a uma relação empática.

Digo, exige uma colaboração do educador e do educando que siga os passos do despertar do espírito. Em virtude dessa colaboração, a atividade reta do educador deve deixar cada vez mais espaço a ação do educando, para terminar permitindo-o adquirir por completo a auto-atividade e a mitindo-o adquirir por completo a auto-atividade e a auto-educação³.

² "Todo labor educativo que trate de formar hombres va acompañada de una determinada concepción del hombre, de cuáles som su posición en el mundo y su misión em la vida, y de que posibilidades prácticas se ofrecen para tratarlo adecuadamente." STEIN, Edith. La estructura de La persona humana. pág. 20. (todas as traduções são nossa).

³ "Es decir, exige una colaboración del educador y del educando que siga los pasos del paulatino despertar del espíritu. En virtud de esa colaboración, La actividad rectora del

Num processo educativo é de fundamental importância que o educador dê espaço, pois ele, o educador, ainda está descobrindo suas potencialidades, principalmente no ensino fundamental. Que ele se mostre e que tenha uma formação capaz de orientá-lo para aquilo que com naturalidade vai se perfilando. É claro que no decorrer de todo o processo educativo, que não termina na conclusão de um curso superior, mas enquanto estamos vivos, ainda estamos em condição de educandos; só vão diferenciar-se os níveis atingidos; contudo ainda são educandos.

Vejamos o que nos diz o prof. Gabriel Chalita:

O ser humano é social, mas não nasce preparado para viver em sociedade... A educação é um processo lento de lapidação de uma pedra bruta de inestimável valor, que precisa ter um grande número de facetas polidas que a façam brilhar, que realcem sua beleza intrínseca⁴.

Mas que beleza intrínseca é essa, senão a marca indelével constitutiva do ser humano? Sua dignidade consiste no fato de ser pessoa humana e trazer em si algo grandioso, mesmo que o indivíduo não se dê conta de que ele é capaz de abstrair-se; mesmo que negue, ele tem todas as possibilidades de plenificar-se; para tanto é preciso que também o educador saiba em que consiste ser uma pessoa humana e qual sua estrutura; é sobre que trataremos em seguida.

Estrutura da pessoa humana

Torna-se menos raro nos deparamos com comportamentos de professores que dista mui de um educador, sua função dificulta não só o aprendizado disciplinar bem como não permite uma maturação dos seus, neste caso alunos, e não educandos. Mas, onde poderíamos identificar a fragilidade deste fato cada vez mais comum? A nosso ver existe uma grande carência de formação antropológica que nos deixe nítida a diferença do que de fato é ser pessoa humana e ser animal. Para podermos fazer esta reconstrução devemos analisar a estrutura constitutiva do ser humano, que é diferente de tudo o que existe.

O que de fato é ser humano? Hoje se tornou uma pergunta sufocada, latente. O ser humano enquanto constituição ao nível antropológico filosófico possui uma tríplice estrutura corpo-alma-

educador debe dejar cada vez mas espacio a la actividad propia del educando, para terminar permitiéndole pasar por completo a la autoactividad y a la autoeducación. STEIN, Edith. La estructura de la persona humana. pág. 23.

⁴ CHALITA, Gabriel. Educação: A solução está no afeto. Pág.117.

espírito; sua autorrealização consiste na harmonização destes três elementos. Por isso devemos resgatar conceitos deixados no esquecimento sobre o que de fato é o homem e qual é sua estrutura fundacional, para que o processo educativo tenha em mente aonde se quer chegar: à plenificação da pessoa humana.

O pleno desenvolvimento da pessoa humana significa o desenvolvimento em todas as suas dimensões, não apenas do aspecto cognitivo ou da mera instrução, mas do ser humano de forma integral⁵.

O corpo

Como parte integrante da estrutura tríplice, o corpo é de fundamental importância para a existência da pessoa humana; é preciso que haja uma metanoia em relação à significação do corpo: “eu não tenho corpo”, mas “eu sou meu corpo”; tudo que se passa com essa estrutura é sentido pelo ser vivente, por isso não pode ser descartado como mero objeto e deve fazer parte do conjunto formativo para um bom desempenho psicofísico do educando.

A realização interpessoal se dá por meio do corpo, a matéria é por sua vez revestida de humanidade e é o que possibilita expressar-se, ter uma relação com o mundo exterior. Quando um sujeito encontra espaço para mostrar suas potencialidades motoras e/ou artísticas, aqui adentra uma infinidade de possibilidades; não é simplesmente uma ação isolada de um conjunto de musculatura que se movimenta, é um ser humano que expressa seu sentimento através do seu corpo.

Há uma profunda unidade entre o corpo e a parte interior. De fácil observação também é a multiplicidade de patologias onde a psicopedagogia detecta reações psicossomáticas que nada mais são que mazelas corpóreas iniciadas pelo interior da pessoa (*interior* entenda-se parte psíquica).

A categoria da corporalidade passa a ser, assim, o primeiro momento do movimento dialético que leva adiante o discurso da antropologia filosófica. Nele a realidade do corpo enquanto humano é afirmada como constitutiva da essência do homem, isto é, como afirmável do seu ser, de modo a que possa estabelecer uma correspondência conceptual entre ser-homem e ser-corpo⁶.

⁵ IDEM. PÁG. 105.

⁶ Apostila de antropologia filosófica do Prof. Ms.Lauro Motta citando Henrique Cláudio Lima Vaz. Pág. 21.

Portanto o corpo representa a transição de um sujeito para o mundo, condição de apropriação do mundo e potencialização de transformá-lo, garantindo um ponto de vista do mundo, efetivando os órgãos do sentido. Eu, através do corpo, posso abri-me em direção ao mundo constituído meu espaço minha realização como ser vivente.

A alma

É preciso, pois, observar que

O corpo do homem não é simplesmente corpo, massa corporal, é corpo animado... O homem tem alma e esta se manifesta, não só nos atos vitais, que exerce a semelhança dos animais, mas também nesse mundo interior como o centro vivente para onde tudo tende e do qual tudo parte ⁷.

A diferenciação homem-animal, que não nega certos paralelismos encontrados, se dá pela correta compreensão da alma sensitiva e da alma espiritual:

É possível, portanto, detectar na esfera vital dois níveis, um sensitivo (sinnlich) e outro espiritual (geistig). Por um lado eles estão conexos de forma tal que a força espiritual é condicionada por aquela sensitiva - normalmente, de fato, a vivacidade do espírito desaparece com o cansaço do corpo - por outro lado, podemos constatar também a independência dos dois momentos - por exemplo, reconheço o valor de uma obra de arte, mas sou incapaz de sentir entusiasmo⁸.

O ser humano vive aqui a liberdade, que é a essência de sua pessoa, aquilo que o caracteriza como ser intelectual, capaz e humano no sentido mais genuíno. Dessa maneira, a alma é o princípio de unidade do corpo humano. Ela e o corpo não são dois seres distintos; mas princípios distintos do mesmo ser. A alma constitui um "espaço interior no qual o eu se move livremente"⁹. Segundo Stein, o interior é o 'lugar' onde a alma é a posse de si mesmo, tornando o eu consciente e livre para decidir suas ações. Isto quer dizer que a ação humana tem responsabilidade no seu autor; daí a importância de uma formação integral, para fazer o ser humano consciente de suas potencialidades, de suas obrigações como pessoa humana.

⁷ GARCIA, Jacinta Turolo. Edith Stein, e a formação da pessoa humana. Pág. 59.

⁸ BELLO, Angela Ales. A fenomenologia do ser humano. Pág. 154.

⁹ GARCIA, Jacinta Turolo. Edith Stein, e a formação da pessoa humana. Pág. 59.

O espírito

O espírito, sendo constitutivo das categorias antropológicas, “revela uma estrutura ontológica não mais ligada à contingência e ao finito (como o somático e o psíquico)”¹⁰. O ser humano transcende sua própria estrutura material e psíquica, uma vez descobridor de sua potencialidade o ser humano está em contínuo vir-a-ser, ele vai além de sua estrutura material participando da infinitude que constitui o espírito; o ser humano é e está em constante desenvolvimento interior e exterior, ontem na caverna, hoje na lua, amanhã quem poderá segurá-lo?

Apesar de todo esse desenvolvimento, não só tecnológico, é preciso que a humanidade não perca de vista seu fim último que é sua plenificação quanto ser humano não só formado de capacidades intelectivas, mas não menos importantes seus sentimentos que devem fazer parte desse desenvolvimento. Existe uma articulação entre a sensação possibilitada pela alma e a inteligência que codifica a sensação. Um animal pode sentir prazer, mas jamais saberá que sentiu prazer; o Homem sente prazer e sabe que está sentindo prazer, sabe o que é o prazer e sabe identificar quando o animal está sentindo prazer.

Só o espírito que possibilita tal compreensão, fazendo do ato humano um ato espiritual, que tem por base sua presença no mundo exterior e a presença do mundo interior é essa síntese que unifica a estrutura antropológica do Homem.

Caracteriza-se a presença do homem segundo o espírito como presença espiritual, ou seja, estruturalmente uma presença reflexiva. Esta reflexividade é própria do espírito e não tem lugar nem no somático, nem no psíquico. A presença espiritual como presença reflexiva confere à linguagem sua forma especificamente humana de manifestação¹¹.

Quanto a essa dimensão espiritual do homem, podemos dizer que é o ponto chave na pedagogia steiniana. Por fazer parte da estrutura humana a dimensão espiritual deve sim ser contemplada na pedagogia, haja vista que queremos o educando formado em sua plenitude, ora um conhecimento que leve os educandos a dar uma resposta satisfatória àquilo que lhe é constitutivo, um ser aberto ao transcendente. É preciso que se diga: todo e qualquer conceito teórico que não trabalhe esta dimensão espiritual dos seus educandos é falho e limita uma plenificação da pessoa humana.

¹⁰ Cf. MOTTA, Lauro. Apostila de antropologia filosófica Pág. 28.

¹¹ IDEM. Pág. 32

O ser humano e a pedagogia steiniana

Depois de passamos sobre os conceitos antropológicos temos agora premissas com as quais podemos falar do ser humano como um todo, o ser humano quanto pessoa é o ser que se plenifica, ele é e se faz. Possui uma interioridade que anseia pela transcendência, capaz de um autoconhecimento, marcado pela liberdade, que deve ser possuidor do seu eu, que busca a felicidade, felicidade que é anseio de todo ser humano e que comumente é confundido com a sensação de alegria. A alegria é um momento de liberação de emoções produzidas por mecanismos psíquicos que em sua essência não coincidem com a felicidade esta por sua vez “vinculada à procura do bem supremo e da virtude”¹².

O fato de ser pessoa é o que constitui sua dignidade, mesmo que este ser, por diversos motivos utilizando mal sua liberdade, não queira sua plenificação ou sua plena humanização. Em sua essência ele esta aberto ao que é nobre, a atos heróicos, criativos, à construção de relações intersubjetivas, capaz de doar-se por uma causa. O ser humano comporta em si um mistério, um enigma de luzes e sombras, complexo não só em sua unicidade bem como em sua universalidade. Como nos diz Edgar Morin¹³:

O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável. Sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, estático; é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio; é consciente da morte, mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas idéias, mas que duvida dos deuses e

¹² JAPIASSU, Hilton. Dicionário básico de filosofia. Pág. 96.

¹³ Acredito que se faz necessário uma explicação para introduzir Morin neste artigo, antes mesmo de qualquer preconceito quanto ao seu pensamento o que me levou a citá-lo é a importância da obra “Os sete saberes necessários à educação do futuro” que notoriamente trata da pedagogia. Como deve ser do conhecimento de todos, essa dita obra que foi solicitada pela UNESCO ao filósofo francês pelo trabalho que já vinha desempenhando no campo da educação em seu país, é de grande importância, pois seu autor teve a sensibilidade de colocar antes da publicação ao parecer de especialistas de vários países, desta feita, a obra final tem a contribuição de vários pensadores o que nos dá um “raio x” atualizado da educação no ocidente. Bem como a proposta de transdisciplinariedade que tem em Morin um ponto determinante já é uma realidade na educação do nosso país, assim sendo acredito que fica justificado de maneira suficiente a utilização deste pensador.

critica as idéias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e de quimeras ¹⁴.

Ora, como dar conta, num processo pedagógico, de tamanha complexidade? Para Edith Stein a educação deve prover e prever todos estes por menores constitutivos do ser humano supracitados, uma teoria que respeite todas as dimensões do ser consistirá em formar cada indivíduo humano para a busca da unidade cujo sentido último estará no encontro com o transcendente. Qualquer teoria menor que isso, segundo Edith Stein, tolhe a plenificação do ser humano.

O ideal da humanidade para o educador é uma elevada meta, em referencia a qual tem ir formando o educando. A liberdade faz possível e necessário apelar ao esforço do próprio educando para alcançar essa meta. Sua independência e suas capacidades individuais devem despertar-se e desprender-se para que chegue a ocupar o lugar ao qual corresponde no seu povo e na humanidade como um todo. Só assim poderá efetuar sua própria contribuição na grande criação do espírito humano, a cultura¹⁵.

O pensamento steiniano nos possibilita alargar o horizonte educacional para além dos conteúdos e nos faz perceber o outro do qual sua plenificação como pessoa humana passa por mim. Acredito ser mister esclarecer que plenificação aqui corresponde ao ser em todas as suas dimensões. Não se resume num êxito econômico-social realidade tão presente na pedagogia. De maneira insistente Edith Stein reafirma a necessidade do cuidado particular, vendo em cada aluno um ser pessoal com capacidades singulares, “na natureza humana e na natureza individual de cada jovem está inscrita uma lei de formação a que o educador deve ter atenção”¹⁶. Para tanto se faz preciso uma reforma na visão que se tem de educador, que comumente está mais preocupado em passar conteúdo de sua disciplina sem a menor atenção a estes seres em formação de caráter, que passa maior parte de sua fase de primeira instrução a mercê destes profissionais.

¹⁴ MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Pág. 59.

¹⁵ “El ideal de la humanidad es para el educador una elevada meta, em referencia a la cual tiene que ir formando al educando. La libertad hace posible y necesario apelar al esfuerzo Del propio educando para alcanzar esa meta. Su independencia y sus capacidades individuales daben despertarse y desplegarse para que llegue a ocupar el lugar que Le corresponde em su pueblo y em la humanidad como um todo, Sólo así podrá efectuar su propia contribución a la gran creación del espíritu humano, la cultura”. STEIN, Edith. La estructura de la persona humana. pág. 7.

¹⁶ “Em la naturaleza humana y en la naturaleza individual de cada joven está inscrita uma ley de formación a la que el educador debe atenerse”. STEIN, Edith. La estructura de la persona humana. pág. 7.

O educador Gabriel Chalita compartilha deste pensamento: “o professor tem de ser amigo do aluno, é um imperativo, e disso não se pode abrir mão nem fazer concessões. O professor só conseguirá atingir seus objetivos se for amigo dos alunos”¹⁷. Aqui se abre um novo paradigma na relação educador versus educando; hoje mais do que nunca se cria a consciência de que o aluno corresponde a um ser, uma pessoa, com dignidade, com capacidades que precisam ser descobertas, trabalhadas, valorizadas formando o ser humano em sua plenificação através da educação.

Conclusão

Tendo, pois, apresentado a base para uma revolução antropológico-educacional, algumas considerações finais se fazem necessárias. Cremos ter abordado de maneira suficientemente clara a proposta para uma pedagogia integral, com ênfase na pedagogia steiniana, favorecendo assim o ser humano em sua formação. Este em sua essência é complexo e complementar, com características diferentes, mas de igual dignidade. Um sistema educacional que leva o ser humano a uma antropologia capaz de gerar homens plenificados é o que pretendemos demonstrar que é possível o qual dependem a harmonia e a humanização da sociedade. Assim, este artigo vem ser também, uma forma de encorajar a todos a uma reflexão acerca dos paradigmas pedagógicos atuais de maneira especial aos marcados pela missão educacional a viverem aquilo que têm por essência, sua humanização.

A humanidade precisa de homens e mulheres que optem por sua plenificação e o caminho está na educação, pela educação. Nesta prospectiva esperamos os efeitos da mais genuína caracterização humana: o amor maduro e incondicional, a capacidade afetiva e a empatia traços peculiares que nos diferencia de tudo aquilo que não é humano. A marca indelével dos seres humanos é a busca por uma sociedade mais humana, e a força das verdades encontradas podem animar não somente a nossa, mas também gerações futuras.

Após este estudo podemos concluir que a escola neste séc. XXI se transmutará em espaço de reencontro e reconstrução, em direção a uma sociabilidade verdadeiramente humana onde sujeitos constroem suas identidades no seio de uma coletividade, o que implica a possibilidade de tornar o docente aprendiz de determinados aparatos antropológicos

¹⁷ CHALITA, Gabriel. Educação: A solução está no afeto. Pág. 149.

fundamentais para produzir o cuidado e a educação com o outro, enfim, que a escola possa tornar espaço de reinvenção da vida.

A teoria pedagógica pensada por Edith Stein onde uma antropologia integral que possibilita caminhos vastos e variados potencializa, através da educação, a construção de identidade e caráter que alicerçam como um todo o ser humano, o ser gente com sua dignidade e liberdade fazendo acontecer a sua história e dando continuidade à história da humanidade. Assim sendo, a pedagogia absorveu em sua teoria conceitos antropológicos integrais, tendo em sua teleologia a felicidade que é ainda hoje, a busca intrínseca do ser humano, dando uma resposta às problemáticas por nós enfrentadas no campo da educação.

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo. Martins Fontes, 2007.

BELLO, Angela Ales. A fenomenologia do ser humano. Bauru, São Paulo. Edusc, 2000.

CHALITA, Gabriel. Educação: a solução está no afeto. São Paulo, Gente, 2004.

GARCIA, Jacinta Turolo. Edith Stein e a formação da pessoa humana. 2ª ed. São Paulo, Loyola.

JAPIASSU, Hilton. Dicionário básico de filosofia. São Paulo. Jorge Zahar, 1996.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 10ª ed. São Paulo, Cortez, Brasília, UNESCO, 2005.

MOTTA, Lauro. Apostila de Antropologia filosófica.

STEIN, Edith. La estructura de la persona humana. Madrid. Biblioteca de autores Cristãos. 1998.

**Profa. Dra. Marly Carvalho Soares*

Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana,
Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de MG. Professora da UECE

**Moisés Rocha Farias*

Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE
Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior pela Faculdade Amadeus e Graduado em Filosofia pelo Instituto Teológico-Pastoral do Ceará.
moisedacruz@hotmail.com